

IMPLICAÇÕES DE UM ENSINO PADRONIZADO NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Juliana Ferreira Batista

Atualmente se faz cada vez mais necessário refletir sobre a diferença no desenvolvimento de crianças típicas e atípicas, que acabam sendo desconsideradas no momento do ensino escolar. Levando em conta o fato de que ainda são poucas as escolas que estão preparadas para receber crianças com autismo e a necessidade de mais escolas que aceitem essas crianças, é importante se perguntar sobre o modelo de educação que se tem. Quais as implicações de um ensino padronizado na formação de crianças com Transtorno do Espectro Autista?

Moura (2013) aponta que, no modelo de escola atual, a criança é cercada de punições, recompensas, e se mantém à mercê de um mestre superior, considerado o detentor do saber. Na escola, a criança é preparada para o convívio social e para assumir papel de aluno, encaixada em uma instituição que não está preocupada com o bem estar ou com os processos internos do seu aluno, mas sim em adequá-lo ao padrão. Levando em conta os pontos da autora, as escolas colocam todos os seus alunos no mesmo ponto de partida, esperando que todos cheguem no final dentro do prazo estabelecido. Isso nos leva a refletir sobre a realidade de crianças com algum diagnóstico e, de modo mais específico, as que estão enquadradas no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). São crianças que partirão do mesmo lugar que as outras, porém não há certeza de que vão conseguir chegar ao final no tempo estabelecido aos demais colegas, mas o que acontecerá caso não cheguem?

Vários estudos comprovam que crianças com TEA têm um comprometimento em algumas áreas do desenvolvimento, ocasionando lentidão na aprendizagem em relação às demais crianças. Desta forma, colocá-los no mesmo ponto de partida de crianças típicas e esperar que todas obtenham o mesmo resultado final não é realista. Podemos observar que as crianças demonstram variabilidade na aprendizagem, alguns têm mais facilidade ao adquirir certa habilidade e outros necessitam de um trabalho mais minucioso. Desse modo, como podemos cobrar a aprendizagem de um autista segundo os mesmos critérios usados para uma criança sem diagnóstico?

Desde o nascimento, o ser humano apresenta a necessidade de se relacionar com os demais. A escola desempenha o papel de promover socialização entre seus alunos, indo além das socializações obtidas na fase inicial da vida. Entretanto, ela também é considerada

formadora da cidadania, fornecendo padrões de valores e papéis interiorizados (MOREIRA, 2014). Com isso, a escola serve como principal ambiente de interação para as crianças. Contudo, Moura (2013) apresenta situações em que o ambiente escolar em vez de promover um ambiente confortável de inclusão, comunicação e habilidades sociais, acaba se tornando um ambiente de represálias e de exclusão. Casos apresentados pela autora podem ser comumente observados em crianças com TEA, que tendem a ter dificuldades no ambiente escolar, especialmente na socialização e aquisição de habilidades, e se veem excluídos da sua turma, abrindo mão da sua identidade para tentar se encaixar no padrão.

Ao meu ver, esse ambiente padronizado pode causar danos graves no desenvolvimento de crianças, especialmente para as crianças autistas. No ambiente escolar, espera-se que todos os alunos se comportem da mesma forma na sala de aula, façam os mesmos deveres, com o mesmo tempo de entrega, sigam o mesmo cronograma. Eles são colocados em um mesmo patamar, sem levar em conta a subjetividade de cada aluno, o que pode ser extremamente prejudicial, ainda mais nos anos iniciais. Estimular as crianças deveria fazer parte do papel da escola, porém, para que seja feito corretamente, com adaptação de conteúdos para os alunos com atrasos, é preciso contratar pessoas qualificadas, o que requer recursos financeiros tanto para contratação quanto para esses projetos de inclusão e de atividades adaptadas e que, infelizmente, muitas escolas não têm ou não veem como prioridade.

Vasconcellos (2013) cita o trabalho de Thin, que desperta questões sobre o modo como a escola tem modificado as relações das crianças com os adultos. A escola é um ambiente de diversidade, principalmente no âmbito cultural e nas diferentes classes sociais, o que pode favorecer o confronto, apresentando divergências na comunicação, temporalidades, exercício da autoridade, mas em especial na educação escolar. Os pais se veem parte desse sistema de ensino, por conta do impacto na vida futura de seus filhos.

A diversidade encontrada nas escolas deve servir de ponto de partida para que as escolas adotem métodos que abranjam melhor todas essas diferenças. Um exemplo é o de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento, que têm apresentado dificuldades de se sentir parte do ambiente e, por isso, como aponta a pesquisa de Moura (2013), acabam se reprimindo.

Desde os anos iniciais da vida, as crianças são enquadradas de acordo com a idade; conteúdos específicos para cada fase da vida são apresentados, assim, todas as que passarem pelo mesmo processo terão a mesma formação e a mesma capacitação das demais. Um fato observado nas escolas é a necessidade do diagnóstico que se impõe aos educandos percebidos como crianças com atrasos no desenvolvimento. Qual a necessidade por trás desse diagnóstico?

A reflexão acima nos leva a pensar sobre essa necessidade dos educadores em obter um laudo de profissionais, rotulando a criança. Mas, com base nesse laudo, o ensino passa a ser adaptado a essa criança? Infelizmente, nos relatos do trabalho de Moura (2013), é possível perceber que o laudo não passa de um documento que formaliza as suspeitas dos pedagogos, fora isso não tem utilidade no âmbito escolar. Novamente, podemos perceber a continuidade do ensino padronizado para crianças cujos laudos são apresentados, ou seja, os laudos causam prejuízos e os professores ficam indiferentes quanto a forma de ensino dado a eles.

Nas pesquisas relatadas na tese de Moura (2013), podemos observar a inquietação tanto dos pais quanto das crianças autistas em relação às suas experiências escolares. Escolher a escola para seus filhos é um fator exaustivo, agravado pela falta de preparo dos profissionais para receber as crianças, e, ao encontrar a ideal, a instituição impõe condições, tais como contratar um acompanhante terapêutico para ajudar a criança em suas atividades escolares. Essa condição implica aumento considerável dos gastos familiares que, somados com os gastos da escola, podem se tornar um empecilho, prejudicando a formação dessa criança.

O modelo de educação em que nos encontramos hoje se baseia no preparo para a vida profissional. Desse modo, o Estado se apropria do trabalho infantil, de forma despercebida, primeiramente por meio do trabalho escolar, como investimento econômico, para garantir que os idosos continuem obtendo seus recursos por meio da nova classe trabalhadora que ingressa na produção, virando nova mão de obra (VASCONCELLOS, 2013). Esse modelo, vem cada vez padronizando mais as crianças, gerando queda no senso crítico, o que, futuramente, poderá causar danos na comunicação e na formação de opinião. O foco na preparação para se tornar mão de obra retira das crianças a infância, dando lugar à preparação para se tornar um adulto. Além disso, pode-se perceber a comercialização do ensino por parte do governo, que está em busca do retorno financeiro e não da qualidade de ensino dos alunos.

Com base no que foi dito, podemos perceber as dificuldades enfrentadas por pessoas com desenvolvimento atípico em meio ao despreparo das escolas ao recebê-las. Esse desafio se estende às famílias dessas crianças que, pela busca incessante da instituição que melhor atenda seus filhos, se deparam com diversos obstáculos. Vale ressaltar que o ensino padronizado vem prejudicando as crianças e pode ocasionar danos a longo prazo, inclusive na qualidade de vida e capacidade de sua criatividade.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, D. L.. **Dificuldade de aprendizagem: um conceito oriundo da educação bancária**. 2014. 82f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.

MOURA, C. H.. **Estudo sobre a relação da pessoa com síndrome de Asperger e seu ambiente**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013.

VASCONCELLOS, T.. Sobre a Educação Infantil, Tempo Livre e Emancipação: Outras Reflexões Em: TUNES, E.(Org.) **O fio tenso que une a psicologia à educação** – Brasília: UniCEUB, 2013.